

# A descrição do bilinguismo libras-português pela dialetologia pluridimensional: escolhas metodológicas

The description of Libras-portuguese bilingualism by pluridimensional dialectology: methodological choices

Cristiane Horst<sup>1</sup> 

Natalyê Fonseca Steffen Miranda<sup>1</sup> 

## Editor-chefe

Marcia dos Santos  
Machado Vieira

## Editores Associados

Leonie Ette  
Miguel Gutiérrez Maté  
Patrícia de Ramos

## Autor correspondente

Horst e Miranda  
cristianehorst@uffs.edu.br  
natalyemiranda@gmail.com

Recebido: 30/05/2024

Aceito: 06/10/2024

## Como citar:

HORST, Cristiane;  
MIRANDA, Natalyê. A  
descrição do bilinguismo  
Libras-português pela dia-  
letologia pluridimensional:  
escolhas metodológicas.  
*Revista Diadorim*, v.26, n.2,  
e64216, 2024. doi: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2024.v26n2a64216>

<sup>1</sup>Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS. Chapecó, SC, Brasil.

E-mail: cristianehorst@uffs.edu.br

E-mail:natalyemiranda@gmail.com

## Resumo

O objetivo deste artigo é descrever o bilinguismo Libras-português de indivíduos surdos do Oeste de Santa Catarina, no Brasil e apresentar as escolhas metodológicas feitas, destacando as suas potencialidades. Nossa pesquisa é orientada teoricamente pela Dialetologia Pluridimensional e Relacional de Thun (1998, 2005, 2009, 2017) e também por Mackey (1972), Romaine, (1995) e Grosjean (1997, 2008), considerando a definição de bilinguismo. A partir das dimensões propostas por Thun, verificamos funções de uso da Libras e português e o autorreconhecimento bilíngue. De caráter qualitativo, a investigação, por meio de dados empíricos, foi realizada com treze (13) informantes estratificados a partir de quatro dimensões: diassexual (sexo feminino e masculino), diageracional (Geração I, de 18 a 36 anos e Geração II, a partir de 50 anos), diastrática (Classe baixa, analfabeto até formação básica e Classe alta, de ensino superior) e diatópica (dois pontos – Chapecó, 1 município de 275 mil habitantes, e Região Oeste, formada por 4 municípios).

Os instrumentos utilizados na entrevista foram: conversa livre e questionário. A coleta de dados da pesquisa foi adaptada, tendo em vista a modalidade visuo-espacial da língua de investigação, a Libras. Os instrumentos foram aplicados e respondidos em Libras, os registros foram realizados através de gravações de vídeos e a apresentação dos dados, em alguns momentos, foi feita através de *links* de acesso e capturas de imagens. Através deste estudo, confirmamos a realidade do bilinguismo individual de surdos considerando duas línguas de modalidades diferentes.

### Palavras-chave

Dialetologia Pluridimensional; Metodologia de pesquisa com informantes surdos; Bi/plurilinguismo Libras-Português de Surdos; Oeste Catarinense.

### Abstract

The objective of this article is to describe the Libras-Portuguese bilingualism of deaf individuals from Western Santa Catarina, Brazil, and present the methodological choices made, highlighting their potential. Our research is theoretically guided by Thun's Pluridimensional and Relational Dialectology (1998, 2005, 2009, 2017) and also by Mackey (1972), Romaine, (1995) and Grosjean (1997, 2008), considering the definition of bilingualism. Based on the dimensions proposed by Thun, we verified functions of using Libras and Portuguese and bilingual self-recognition. Qualitative in nature, the investigation, using empirical data, was carried out with thirteen (13) informants stratified based on four dimensions: diasexual (female and male), diagenational (Generation I, from 18 to 36 years old and Generation II, from 50 years of age), diastratic (lower class, illiterate until basic education and upper class, higher education) and diatopic (two points – Chapecó, 1 municipality with 275 thousand inhabitants) and the West Region, formed by 4 municipalities). The instruments used in the interview were: free conversation and questionnaire. The research data collection was adapted, taking into account the visual-spatial modality of the research language, Libras. The instruments were applied and answered in Libras, the records were carried out through video recordings and the presentation of data, at times, was done through access links and image captures. Through this study, we confirmed the reality of individual bilingualism of deaf people considering two languages of different modalities.

### Keywords

Pluridimensional Dialectology; Research methodology with deaf informants; Libras-Portuguese bi/plurilingualism for deaf people; Western Santa Catarina.

## Introdução

A compreensão de que o português é a “língua do Brasil”, apesar de equivocada, é uma ideia consolidada em nosso país. O português é uma língua majoritária, em razão, principalmente, da construção histórica, marcada por políticas que atingiram direta ou indiretamente a realidade linguística no país<sup>1</sup>. O censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010 registrou a presença de 274 línguas indígenas no território nacional (IBGE, 2023) e conforme Altenhofen (2013), há 56 línguas alóctones, ou de imigração, no Brasil. Observamos, no Brasil, também a presença das línguas de sinais.

Além da Libras, até então, única língua de sinais brasileira reconhecida por lei como meio de comunicação e expressão (Brasil, 2002), conforme as nossas buscas bibliográficas, entre os anos de 1984 e 2023 registram-se a presença de outras 16 línguas de sinais, sendo 10 originárias de aldeias indígenas e 6 de outras comunidades isoladas, a partir do mapeamento feito por Silva e Quadros (2019), de pesquisas registradas por Gomes e Vilhalva (2021) e o trabalho de identificação realizado por Araújo e Oliveira (2021).<sup>2</sup>

Três aspectos que observamos como fundamentais para o processo de formação e reconhecimento da Língua de Sinais como línguas naturais são: A história da educação de surdos no país, registrada a partir de 1857 com a criação da primeira escola de surdos do Brasil, hoje o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Silva, 2012), a legislação que assegura direitos às pessoas surdas, principalmente após os anos 1990, a partir de declarações internacionais que refletiram na promulgação de leis a nível

---

<sup>1</sup> Um exemplo é a política lusitana de Marquês de Pombal, que em 1758 instituiu a obrigatoriedade do ensino da língua portuguesa e fez a expulsão dos padres jesuítas em 1759, o que enfraqueceu as línguas e culturas indígenas (Oliveira, 2000). Outro exemplo foi a chamada “nacionalização do ensino”, ocorrida durante o Estado Novo (1937-1945) no governo de Getúlio Vargas, quando os imigrantes sofreram uma violenta repressão linguística e cultural e o português se tornou a única língua de alfabetização (Rambo, 1999; Oliveira, 2000; Horst, 2009).

<sup>2</sup> As línguas originárias de aldeias indígenas registrados por Silva e Quadros (2019) foram: Urubu-Ka’apor, do Maranhão (Ferreira-Brito, 1984), Língua de Sinais Sateré-Mawé, na microrregião de Parintins, Amazonas (Azevedo, 2015), Sinais Kaingang, em Ipuaçú, Santa Catarina (Giroletti, 2008), Língua de Sinais Terena, entre os índios Terena (Vilhalva, 2012, Sumaio, 2014), Língua de Sinais Guarani – Kaiowá, entre os índios Guarani-Kaowá (Coelho, 2011; Lima, 2013), Língua de Sinais Pataxó, na aldeia Coroa Vermelha na Bahia (Damasceno, 2017). Gomes e Vilhalva (2021) registraram a Língua de Sinais dos Paiter-Suruí, de Rondônia (Eler, 2017; Costa, 2017), e Araújo e Oliveira (2021) as línguas de Sinais dos Akwe-Xerente, de Tocantins (Barreto, 2016), Língua de Sinais Maxakalí, de Minas Gerais (Stoianov e Nevins, 2017) e Língua de Sinais Makuxi, de Roraima (Araújo; Bentes, 2018). As línguas de outras comunidades isoladas identificadas por Silva e Quadros (2019) foram: CENA, falada na cidade de Jaicós, no interior do Piauí (Pereira, 2013), Acenos, em Cruzeiro do Sul, Acre (Cerqueira e Teixeira, 2016); Língua de Sinais de Porto de Galinhas, Pernambuco (Carliez, Formigosa e Cruz, 2016) e Língua de Sinais de Caiçara, no Sítio Caiçara em Várzea Alegre, Ceará (Temóteo, 2008), No Pará, duas línguas em zonas rurais foram verificadas: a Língua de Sinais da Fortalezinha (Carliez, Formigosa & Cruz, 2016) e a Língua de Sinais de Ilha do Marajó (Martinod, 2013; Formigosa, 2015; Fusilier, 2016).

nacional, como, em 2002, a Lei nº 10.436 (Brasil, 2002)<sup>3</sup> que reconhece a Libras como meio legal de comunicação e expressão da comunidade surda brasileira, assim como as pesquisas científicas na área da surdez, sobretudo, dos estudos linguísticos, destacando as divulgadas a partir de 1960, por Willian Stokoe comprovando que as línguas de sinais e as línguas orais partilhavam dos mesmos princípios de estruturação (Quadros; Karnopp, 2004), dando início há vários estudos nos últimos anos.

Ao constatarmos que o Brasil é um país multilíngue através dos dados documentais e estatísticos, é possível confirmar a realidade bi/plurilíngue de muitos brasileiros, ainda que não reconhecida por uma grande parcela da população, apesar do registro de diversos fenômenos linguísticos resultantes do contato linguístico. A partir desses dados, sendo que o português a língua majoritária do país e, que entre as línguas de sinais, a Libras é predominante, ao consideramos diferentes nuances para caracterizar um indivíduo como bilíngue, é possível identificar facilmente a realidade bi/plurilíngue de indivíduos surdos.

Desta forma, uma vez que há poucas pesquisas a respeito do bilinguismo (Mackey, 1972) Libras-português de indivíduos surdos, principalmente orientadas pela Dialetoologia Pluridimensional (Thun, 1998, 2005, 2010 e 2017), e que na região do Oeste Catarinense, até então, não há pesquisas nesse viés, o objetivo deste estudo é descrever a situação linguística de indivíduos surdos no Oeste Catarinense e apresentar as escolhas metodológicas feitas, destacando as suas potencialidades.

Assim, realizamos coletas de dados empíricos por meio de entrevistas presenciais em Libras com treze (13) informantes estratificados a partir de quatro dimensões: diassexual (sexo feminino e masculino), diageracional (Geração I, de 18 a 36 anos e Geração II, a partir de 50 anos), diastrática (Classe baixa, analfabeto até formação básica e Classe alta, de ensino superior) e diatópica (dois pontos – Chapecó, 1 município de mais de 275 mil habitantes<sup>4</sup>) e Região Oeste (formada por 4 municípios, com menos habitantes). Os instrumentos utilizados na entrevista foram: conversa livre e o questionário, destacando três categorias de análise: funções de uso das línguas e autorreconhecimento bilíngue, conforme os objetivos específicos desdobrados na sequência.

---

<sup>3</sup> Exemplos de declarações mundiais foram a Declaração Mundial de Educação para Todos, em 1990 e a Declaração de Salamanca, em 1994 (Barbosa, 2007). Outras determinações legais importantes que asseguram direitos às pessoas surdas é o Decreto 5.626/05 (Brasil, 2005), a Lei nº 13.146/15 (Brasil, 2015) e Lei 14.191/21 (Brasil, 2021).

<sup>4</sup> De acordo com IBGE (2024), a população estimada em 2024 é de 275.959 habitantes.

- a. Considerando a *dimensão diasssexual*, comparar a impressão dos informantes homens e mulheres acerca das funções de uso do repertório linguístico e de seu próprio bilinguismo.
- b. Tendo em vista a *dimensão diageracional*, averiguar as funções de uso das línguas e o autorreconhecimento bilíngue entre as diferentes faixas etárias.
- c. Com base na impressão que os informantes mais e menos escolarizados têm sobre as funções de uso das línguas e o seu próprio bilinguismo, observar qual a relevância da *dimensão diastrática* na pesquisa.
- d. A partir da *dimensão diatópica*, constatar, em cada um dos pontos geográficos pesquisados, até que ponto há diferenças nas realidades dos indivíduos bi/plurilíngues sobre as funções de uso das línguas e o autorreconhecimento bilíngue.

Uma das autoras deste artigo é proficiente em Libras, o que foi imprescindível para que a pesquisa de campo pudesse ser feita. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos, por meio do parecer consubstanciado de número 5.517.733, identificada pela numeração 58523722.9.0000.5564 do Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE).

Através deste estudo, confirmamos a realidade do bilinguismo individual de surdos, considerando duas línguas de modalidades diferentes e a importância da pesquisa de campo com base nas quatro dimensões *standart*: diageracional (GI e GII), diastrática (Ca e Cab), diaxessual (homens e mulheres) e diatópica (de diferentes pontos), previstos pela Dialetologia Pluridimensional.

## Pressupostos teóricos

As definições para *bilinguismo* são diversas. Destacamos a de Bloomfield (1935) que afirma que bilinguismo é “o controle nativo de duas línguas” (*apud* Harmers e Blanc, 2000, p. 6). Por esse viés, podemos compreender que um indivíduo é bilíngue se tiver domínio equilibrado de suas línguas e inferir que, se o indivíduo adquirir as duas línguas ao mesmo tempo e se ambas forem adquiridas como línguas maternas, há uma chance maior de garantia do indivíduo se tornar bilíngue. Conceitos como esses são responsáveis pelo desenvolvimento de ideias de senso comum, como o de que para ser bilíngue é necessário haver aquisição de uma segunda língua na primeira infância ou que para se considerar bilíngue, um indivíduo precisa ter as quatro grandes habilidades em ambas as línguas: falar, ouvir, ler e escrever, o que comprovadamente foi e está sendo refutado.

Diferentemente dessas definições, Mackey (1972) concebe o bilinguismo como uma característica do uso alternado de duas línguas pelo mesmo indivíduo, relacionado

a um padrão de comportamento a nível individual, variando entre grau, função, alternância e interferência. Esses fatores determinam o *status* de cada língua na situação bilíngue. Do mesmo modo, Baker (2006), Grosjean (1997, 2008) e Romaine (1995) apresentam diversas variáveis que determinam a realidade bilíngue de um indivíduo. Para Grosjean (2008), o bilíngue adquire e usa suas línguas para diferentes propósitos, em diferentes domínios e com diferentes pessoas.

O bi/plurilinguismo dos surdos possui características muito semelhantes ao bilinguismo de línguas orais, mas o fato de o surdo lidar com duas modalidades diferentes: uma língua oral-auditiva e uma língua visuo-espacial, é uma diferença importante a se destacar. Os surdos alternam entre um uso de uma língua de modalidade oral-auditiva, da comunidade e cultura majoritariamente ouvinte e uma língua visuo-espacial, da comunidade e cultura surda.

Em se tratando de indivíduos surdos, Dizeu (2014) destaca que:

A identificação de fenômenos variáveis pressupõe que, para os membros de uma mesma comunidade de fala, existam pelo menos duas possibilidades de representação superficial para uma determinada categoria linguística. A escolha entre as formas não se dá de maneira aleatória ou livre, mas relacionada às variáveis linguísticas e extralinguísticas (Dizeu, 2014, p. 63).

Esta pesquisa é fundamentada pela *Dialetologia Pluridimensional* que busca desenvolver, “sobre a base da variação diatópica, toda uma gama de tipos de variações não areais” (Thun, 2009, p. 536). Ou seja, de acordo com Thun (1998; 2009), a Dialetologia Pluridimensional analisa tanto o plano horizontal (dialetologia), que observa as variações diatópicas, quanto o plano vertical (evidenciado pela Sociolinguística), que considera variações não diatópicas, como idade, sexo, escolaridade, entre outras, sendo que, conforme o autor, através da pluralidade simultânea de informantes, é possível obter dados consideravelmente mais seguros (Thun, 2017). Deste modo, a Dialetologia Pluridimensional alia a variação diatópica da Dialetologia com as diversas variações investigadas pela Sociolinguística, combinando, no mesmo escopo de análise, “espacialidade” e “socialidade” (Altenhofen; Thun, 2016).

## **Contextualização da pesquisa e metodologia: seleção dos informantes e apresentação dos dados**

De acordo com o censo demográfico do IBGE (2010), o número de surdos representa 9,7 milhões de pessoas. Em Santa Catarina, pelo mesmo censo demográfico, foram identificadas 305.833 pessoas e no Oeste Catarinense, 64.376.

Nos municípios investigados, somando as três categorias<sup>5</sup> de respostas, o número de pessoas com deficiência auditiva, foi indicada pelo IBGE (2010), como sendo: 8.656 em Chapecó, 4.091 em Concórdia, 1.161 em São Lourenço do Oeste, 2.204 em São Miguel do Oeste e 2.035 em Xanxerê.

Inicialmente, queremos destacar a importância das escolhas metodológicas conforme as particularidades da comunidade de pesquisa selecionada. No nosso caso específico, no qual pesquisamos a situação linguística de informantes surdos, foi necessário pensar em estratégias para a pesquisa de campo, no sentido de garantir que os dados coletados pudessem ser analisados futuramente, e para isso fizemos a gravação em vídeo (e não em áudio, como com grupos ouvintes) para que a Libras pudesse ser registrada, uma vez que é uma língua visuo-espacial, na qual o indivíduo se vale de sinais.

O uso da filmagem na coleta de dados oportuniza a captura de imagens e o acesso à recortes de vídeos selecionados através dos links na hora da descrição, análise e interpretação dos dados para que, especialmente o leitor surdo tenha acesso ao dado original da pesquisa, um ato inclusivo que certamente também atinge ouvintes interessados ou conhecedores da Libras. Ademais, dificilmente é possível que sejam feitas anotações durante a coleta de dados, mesmo que a equipe de trabalho tenha pesquisadores proficientes em Libras, considerando a modalidade visuo-espacial da língua de sinais.

Um aspecto importante na questão metodológica ao se pesquisar uma comunidade surda, é o de que um integrante da equipe de pesquisadores precisa ser proficiente em Libras, porém não necessariamente surdo. Este é um desafio para os pesquisadores, pois fenômenos de contato linguístico de línguas de sinais e línguas orais são consideravelmente diferentes dos fenômenos que ocorrem entre línguas orais. O surdo, via de regra, é um indivíduo que faz parte de uma comunidade surda, com uma ou mais línguas de sinais, mas também está inserido em uma comunidade ouvinte, especialmente, com menos habilidades na escrita e leitura de línguas orais.

Nesse contexto foi realizada uma coleta de dados empíricos, a fim de identificar a relação que os indivíduos têm com a Libras e o português, analisando as categorias “funções de uso das línguas”, “autorreconhecimento bilíngue”, e “histórico linguístico<sup>6</sup>”.

---

<sup>5</sup> Abrange-se as três categorias de resposta definidas pelo censo demográfico do IBGE (2010) como: “não consegue de modo algum”, “grande dificuldade” e “alguma dificuldade”, escalas de dificuldade em relação à deficiência auditiva, também aplicadas nesta pesquisa para as deficiências visual e motora (IBGE, Censo Demográfico 2010)

<sup>6</sup> O histórico linguístico foi observado através de questões que buscaram identificar, pelas respostas dos próprios informantes, quais suas línguas e como ocorreu seu aprendizado. Duas das questões aplicadas estão exemplificadas na tabela 1.

A pesquisa realizada apresenta caráter qualitativo com base em Thun (1998, 2005), com as adaptações necessárias, especialmente, no que tange a coleta de dados e apresentação dos resultados. Considerando as especificidades dessa pesquisa, algo que o autor supracitado sempre destaca em seus artigos e capítulos de livros: *há possibilidades de ajustes metodológicos* (Horst; Krug, 2022). Investigar uma língua visuo-espacial requer, antes de mais nada, uma pessoa proficiente em Libras, seja ela o próprio inquiridor, ou também um intérprete que é procurado especialmente para acompanhar pesquisadores na coleta de dados propriamente dita. Em segundo lugar, o formato e os recursos para coleta de dados precisam ser definidos considerando a modalidade da língua, com uso de filmadora, como foi na nossa pesquisa<sup>7</sup>.

No mais, relacionamos quatro das dimensões possíveis de coleta e análise de dados – diassexual, diageracional, diastrática e diatópica previstos pela Dialectologia Pluridimensional. A definição dos informantes teve como parâmetro selecionar um homem e uma mulher da mesma geração (GI e GII) e classe social (Ca e Cb) em dois pontos distintos, ou seja, em Chapecó, o município de maior população do oeste de Santa Catarina, e no ponto Região Oeste, formado por quatro municípios com populações menores.

A definição do ponto Chapecó como um dos pontos selecionados, se deu pelo fato deste ser o maior município do Oeste Catarinense, portanto com uma população maior também de surdos. Os critérios de seleção dos municípios para compor o ponto Região Oeste foram, além de fazer parte da Região Oeste, e que a população fosse menor do que o ponto Chapecó, e que, conseqüentemente houvesse um número menor de surdos e de infraestrutura educacional, política e social correspondes, ocorreu pela identificação dos informantes que contemplassem os critérios das dimensões investigadas. Para isso foi feito uma pesquisa através das redes sociais e contato com surdos e associações de surdos da região a fim de identificar esses informantes.

Em observância à história dos surdos no Brasil, as comunidades surdas usuárias de Libras são formadas inicialmente em grandes centros, assim como outros aspectos, como a implementação de modelos educacionais, os movimentos em prol dos direitos e os estudos linguísticos, devido ao maior número de surdos, para depois serem percebidos em municípios menores. Sendo assim, a motivação de escolha dos critérios para análise *diatópica* ocorreu considerando que os aspectos

---

<sup>7</sup> Ademais, é importante prever, a depender do estudo que se pretende realizar, um aplicativo para descrever os dados coletados. ELAN e CLAN são ferramentas tecnológicas de transcrição e análise de dados registrados em áudio e/ou vídeo. O ELAN possui um modelo de dados baseado em trilhas, que suporta anotações de vários níveis e múltiplos participantes. É aplicado na pesquisa em ciências humanas e sociais, em trabalhos que envolvem aquisição da linguagem, documentação de linguagem, linguagem de sinais e pesquisa com gestos, entre outros, além de ter fins de documentação, de análise qualitativa e quantitativa. Maiores informações, como sugestão, live da Abralín ao vivo: <https://www.youtube.com/watch?v=ZnG6s9VWjSU>.



citados poderiam interferir nas respostas dos informantes, devido às características demográficas diferentes, objetivando verificar a existência ou não de diferenças nas respostas de informantes residentes no ponto de maior população e no ponto de menor população.

Observando as características requeridas por cada dimensão de análise, cabe ressaltar que houve dificuldade em identificar todos os informantes de Geração II de Classe alta; não foi possível selecionar 16 informantes conforme o proposto, mas sim, 13. No ponto Chapecó, foram selecionados 6 informantes e no ponto denominado Região Oeste - formado pelos municípios de Concórdia, São Miguel do Oeste, São Lourenço do Oeste e Xanxerê - foram selecionados 7 informantes.

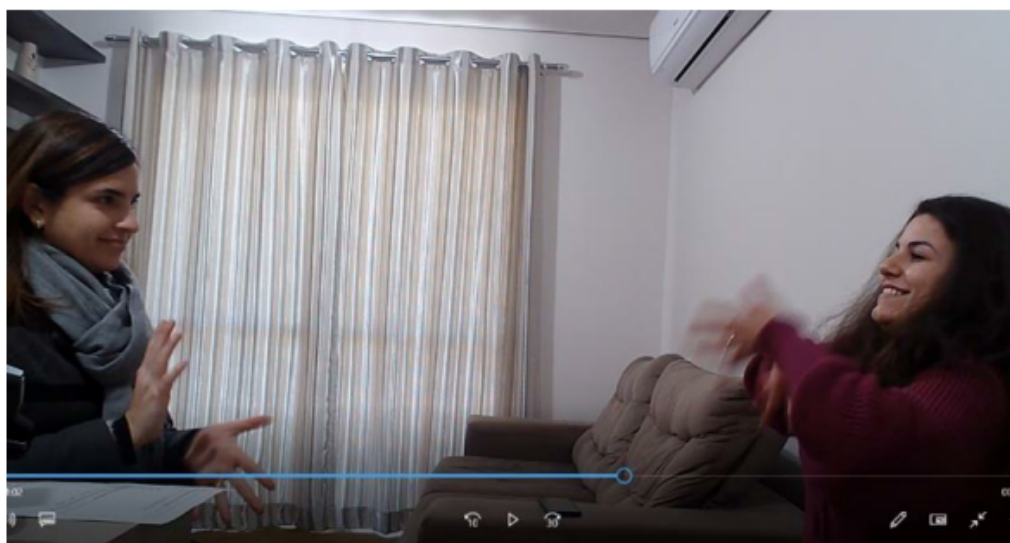
No ponto Chapecó (SC), os seis (6) informantes selecionados foram: um homem e uma mulher da Classe baixa de Geração II (CbGII), um homem e uma mulher da Classe baixa de Geração I (CbGI) e um homem e uma mulher de Classe alta de Geração I (CaGI). Não foi possível identificar surdos da Classe alta de Geração II (CaGII) nesse ponto. Já no ponto Região Oeste foi investigado: um homem e uma mulher em São Miguel do Oeste, Classe alta de Geração I (CaGI); um homem e uma mulher em São Lourenço do Oeste, Classe baixa de Geração II (CbGII); um homem e uma mulher em Concórdia Classe baixa de Geração I (CbGI); e em Xanxerê, uma mulher, Classe alta de Geração II (CaGII), única informante CaGII identificada na pesquisa. Apresentamos, na sequência, na Figura 1, as dimensões analisadas e a distribuição dos informantes selecionados.

Chapecó – SC				Região Oeste – SC			
<b>Masculino</b>				<b>Masculino</b>			
I		CaGI		I		CaGI	
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
<b>Feminino</b>				<b>Feminino</b>			
I		CaGI		CaGII		CaGI	
CbGII		CbGI		CbGII		CbGI	
<b>Legenda:</b> Ca: Classe alta; Cb: Classe baixa; GII: Geração II; GI: Geração I;							
I : Ausência de informante							

**Figura 1** – Apresentação das dimensões investigadas, com base na cruz de Thun (2005)  
**Fonte:** Miranda (2023, p. 68)

O questionário, contendo 28 questões, foi elaborado pelas autoras ou adaptadas de Grosjean (2008), do questionário linguístico para surdos bilíngues, de Silva (2018) e do Atlas das Línguas em Contato na Fronteira (ALCF), de Krug (2013).

Destacamos que para coleta dos dados, utilizamos duas câmeras: uma câmera de gravação profissional focalizada no informante, registrando apenas as respostas deste, e uma segunda câmera, de menor resolução, de apoio, com enquadramento maior, registrando tanto a pesquisadora quanto o(a) informante, a fim de acompanhar, principalmente as perguntas da pesquisadora, registrando toda a interação entre pesquisadora e informante, conforme a Figura 2, a seguir.



**Figura 2** – Exemplo de enquadramento de câmera de apoio

**Fonte:** Miranda (2023, p. 75)

Entendemos que a filmagem é o recurso mais adequado que temos atualmente. Este aparato tecnológico é essencial para uma coleta de dados linguísticos de informantes surdos, uma vez que, além de facilitar, como em qualquer pesquisa com ouvintes, a verificação detalhada dos dados coletados em sua transcrição e análise, no caso da pesquisa com surdos, em que o recurso visual é imprescindível, possibilita a apresentação dos dados por meio das capturas de imagens e recortes de vídeos a serem acessados pelo leitor por meio de *links*.

A partir dos dois pontos pesquisados (Chapécó e Região Oeste), a identificação dos informantes no decorrer do texto, foi realizada de acordo com a Figura 3, a seguir.

Chapecó – SC		Região Oeste – SC	
<b>Masculino</b>		<b>Masculino</b>	
I	CaGI-CCO-M	I	CaGI-SMO-M
CbGII-CCO-M	CbGI-CCO-M	CbGII-SLO-M	CbGI-COM-M
<b>Feminino</b>		<b>Feminino</b>	
I	CaGI-CCO-F	CaGII-XRE-F	CaGI-SMO-F
CbGII-CCO-F	CbGI-CCO-F	CbGII-SLO-F	CbGI-COM-F
<b>Legenda:</b> Ca: Classe alta; Cb: Classe baixa; GII: Geração II; GI: Geração I; CCO: Chapecó; COM: Concórdia; SLO: São Lourenço do Oeste; SMO: São Miguel do Oeste; XRE: Xanxerê; I : Ausência de informantes.			

**Figura 3** – Identificação dos informantes no decorrer do texto  
**Fonte:** Miranda (2023, p. 74)

Em cada questão, os símbolos inseridos na cruz<sup>8</sup> receberam diferentes significados, conforme a indicação nas legendas. Em alguns casos apresentamos respostas traduzidas e transcritas, assim como comentários complementares às respostas proferidas pelos informantes. Ainda, quando necessário, foram acrescentadas capturas de imagens e recortes de vídeos, em que o acesso pode ser realizado por meio de *links* no decorrer da análise dos dados, encontrados nas notas de rodapés.

A análise dos dados foi realizada sob uma perspectiva relacional, comparando-se cada uma das dimensões referentes às categorias de investigação. Selecionamos, para este artigo, somente 7 questões para apresentar e analisar os resultados, informadas na Tabela 1, na sequência, pelas quais descrevemos o bilinguismo dos indivíduos surdos, atendendo as funções de uso da Libras e português e o autorreconhecimento bilíngue.

<sup>8</sup> Para a apresentação das respostas na cruz, usamos uma fonte específica de letra, denominada de *Kiel Símbolos*, que possui símbolos de graduação em círculos Thun (2017).

**Tabela 1** – Questões selecionadas para apresentação e análise

<b>Categorias</b>	<b>Conversa semidirigida</b>	<b>Questionário</b>
Histórico linguístico	8) <sup>9</sup> Como, onde e com que idade aprendeu Libras? (língua de aquisição, contato com familiar surdo, na escola, com colegas e/ou professores surdos, comunidade surda, associação de surdos, curso, outros) (adaptado de SILVA, 2018)	14) Seu pai e mãe são surdos ou ouvintes? (Escolha uma opção). a) Os dois são surdos. b) Os dois são ouvintes. c) Pai é surdo e mãe ouvinte d) Mãe é surda e pai é ouvinte
Funções de uso das línguas	6) Que língua(s) costuma falar com cada uma das pessoas/familiar que mora com você? Se for mais que uma língua, na maior parte do tempo alterna entre uma e outra ou mantém uma língua? Mais uma do que outra? Qual?	17) Que língua(s) costuma falar com pessoas de fora do círculo familiar? (Vizinhos, amigos, colegas de trabalho/chefe, colegas de aula/professor, clientes/pacientes/liderados, comércio/serviços, atendimentos médicos, outros)
Autorreconhecimento bilíngue	13) Você se considera uma pessoa bilíngue? (Em que medida acha que sabe/conhece/é proficiente em mais de uma língua?)	19) Selecione as opções que melhor definem sua relação com a Libras (Adaptado de Grosjean, 2008). a) Produz/Sinaliza b) Compreende a sinalização c) Escreve em escrita de sinais d) Lê escrita de sinais 21) Selecione as opções que melhor definem sua relação com a língua portuguesa (Adaptado de Grosjean, 2008). a) Produz/Fala b) Compreende por meio da leitura labial c) Compreende por meio da audição (resquício auditivo) d) Escreve e) Lê f) Usa datilologia <sup>10</sup> (produz e compreende)

**Fonte:** Elaboração dos autores (adaptadas de Silva, 2018; Krug, 2013)

<sup>9</sup> Apresentamos as numerações das questões de acordo com o disposto no questionário maior de 28 questões coletadas, descritas e analisadas por Miranda (2023). Por esse motivo neste trabalho, elas não estão numeradas de um a sete.

<sup>10</sup> Datilologia ou alfabeto manual é um sistema de representação manual do alfabeto das línguas orais escritas, que surgiu do contato com a língua oral. A invenção do primeiro alfabeto manual conhecido foi no XVI, com o monge espanhol Pedro Ponce de León (1520-1584).

## Descrição e análise dos dados: bilinguismo de indivíduos surdos

Para a primeira questão selecionada, da conversa semidirigida, “8) Como, onde e com que idade aprendeu Libras? (adaptada de Silva, 2018)”, apresentamos a Figura 4, com as respostas dispostas na cruz, inserindo a idade de aprendizado da Libras abaixo de cada símbolo dentro dos quadrantes.

Chapecó – SC				Região Oeste – SC			
<b>Masculino</b>				<b>Masculino</b>			
I	○			I	○		
	7				7		
●	○			●	●		
9	6			22	9		
<b>Feminino</b>				<b>Feminino</b>			
I	●			○	○		
	0			36	7		
●	○			●	○		
18	5			20	4		
Legenda: Com a família: ● Comunidade surda – ambiente informal: ● Atendimentos/espços formativos – ambiente formal: ○ Ausência de informantes: I							

**Figura 4** – Questão 8 - Como, onde e com que idade aprendeu Libras?

**Fonte:** Miranda (2023, p. 86)

Pela *dimensão diatópica*, vemos que os indivíduos que aprenderam Libras na infância estão mais evidentes no ponto Chapecó e as que pessoas com idades entre 20 e 36 anos, fazem parte do ponto Região Oeste. Este resultado pode ter relação com o fato de haver em Chapecó uma comunidade de surdos mais consolidada, com maior (re)conhecimento da importância da Libras para a pessoa surda. A idade (*dimensão diageracional*) em que se aprendeu Libras é maior entre os informantes de Geração II e menor entre os informantes da Geração I. Esta constatação pode ter relação com o maior prestígio dado a Libras na atualidade, como também a promulgação das leis que asseguram o uso da Libras como comunicação e direito.

Predominantemente, os informantes da Geração II aprenderam Libras pelo contato com outros surdos nos ambientes informais, de forma diferente que os da Geração I, que aprenderam em atendimentos/espços formativos, através da escola ou em atendimentos especializados. Analisando de forma geral, a maior parte dos informantes adquiriram a Libras em espços formativos, resultado que converge com

o identificado pelo Inventário Nacional da Libras, questionário aplicado entre 2016 e 2017 com 861 surdos e 1491 ouvintes, organizado pelo Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística (IPOL) e apresentado por Quadros, *et al.* (2018). Essa pesquisa investigou, entre outras questões, o contexto de aquisição da Língua Brasileira de Sinais e verificou que dos 861 surdos participantes, 44% adquiriram Libras em escola e 20% em clínicas, ambos contextos formais.

Verificamos que a legitimidade da Libras enquanto língua pelos estudos linguísticos, assim como a promulgação de leis que colaboraram para o acesso à educação das pessoas com deficiência, abrangendo também aos surdos, são conquistas que se consolidaram na mesma época em que os informantes da Geração I, de acordo com a faixa etária, estariam em idade escolar, enquanto que os informantes da Geração II não teriam participado do mesmo contexto em sua fase escolar. Conforme os resultados apontam, o acesso mais facilitado à Geração I ao espaço formal para o aprendizado de Libras é uma constatação da realidade histórica no Oeste Catarinense que se relaciona com a história dos surdos no Brasil.

Na questão 14, do questionário, “*Seu pai e mãe são surdos ou ouvintes? Escolha uma opção*”, verificamos que as opções escolhidas foram “os dois são surdos”, “os dois são ouvintes” e “pai é surdo e a mãe ouvinte”; A alternativa “a mãe é surda e o pai ouvinte” não foi escolhida por nenhum dos informantes. Vejamos em seguida a Figura 5 com as respostas.

Chapecó – SC	Região Oeste – SC																								
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Masculino</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>I</td> <td><input type="radio"/></td> </tr> <tr> <td><input type="radio"/></td> <td><input type="radio"/></td> </tr> <tr> <th colspan="2">Feminino</th> </tr> <tr> <td>I</td> <td><input checked="" type="radio"/></td> </tr> <tr> <td><input type="radio"/></td> <td><input type="radio"/></td> </tr> </tbody> </table>	Masculino		I	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	Feminino		I	<input checked="" type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Masculino</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>I</td> <td><input type="radio"/></td> </tr> <tr> <td><input type="radio"/></td> <td><input checked="" type="radio"/></td> </tr> <tr> <th colspan="2">Feminino</th> </tr> <tr> <td><input type="radio"/></td> <td><input type="radio"/></td> </tr> <tr> <td><input type="radio"/></td> <td><input type="radio"/></td> </tr> </tbody> </table>	Masculino		I	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>	Feminino		<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Masculino																									
I	<input type="radio"/>																								
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>																								
Feminino																									
I	<input checked="" type="radio"/>																								
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>																								
Masculino																									
I	<input type="radio"/>																								
<input type="radio"/>	<input checked="" type="radio"/>																								
Feminino																									
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>																								
<input type="radio"/>	<input type="radio"/>																								
<p>Legenda:</p> <p>Os dois são surdos: ●</p> <p>Os dois são ouvintes: ○</p> <p>Pai é surdo e mãe ouvinte: ◐</p> <p>Ausência de informantes: I</p>																									

**Figura 5** – Questão 14 – Seu pai e mãe são surdos ou ouvintes?

**Fonte:** Miranda (2023, p. 78)

A maioria dos informantes tem os pais ouvintes, confirmando os dados estatísticos trazidos por diversos autores, como Silva (2018) e Grosjean (2008), que afirmam que 90% dos pais de pessoas surdas são ouvintes. O que pode ser inferido nestas situações de contato linguístico, é a necessidade de que se crie na família uma língua de comunicação entre surdos e ouvintes, normalmente, de gestos caseiros, que variam conforme cada realidade. A língua de comunicação em família formada por surdos e ouvintes, dificilmente será a libras pelo fato do reconhecimento social de uma comunidade surda ser muito recente. Em se tratando das dimensões de análise, entendemos não haver grande constatação a ser feita, pelo fato da surdez, ser uma característica biológica individual, que não tem relação direta com classe social, sexo, geração ou localidade.

No que tange às funções de uso das línguas, na questão “6) *Que língua(s) costuma falar com cada uma das pessoas/familiar com que mora com você?*”, observamos que, dos treze (13) informantes, nove (9) afirmaram morar apenas com familiares surdos, três (3) moram com ouvinte(s) e uma (1) não se aplica à questão por morar sozinha (CaGII-XRE-F). A Figura 6, abaixo, observamos, individualmente a predominância de surdos e ouvintes no lar

As opções mais escolhidas para as línguas usadas dentro do lar foram “Libras” e “Mais Libras do que português”, como apontado na Figura 7 na sequência.

Chapecó – SC			Região Oeste – SC		
<b>Masculino</b>			<b>Masculino</b>		
I	●		I	●	
●	◐		●	●	
<b>Feminino</b>			<b>Feminino</b>		
I	●		I	◐	
●	◐		●	●	
<b>Legenda:</b> Apenas surdos: ● Mesmo número de surdos e ouvintes: ◐ Mais surdos que ouvintes: ● Mais ouvintes que surdos: ◐ Ausência de informante ou não se aplica: I					

**Figura 6** – Questão 6 parte A - Predominância de surdos e ouvintes no lar

**Fonte:** Miranda (2023, p. 104)

Chapecó - SC	Região Oeste - SC																								
<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Masculino</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>I</td> <td>●</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>◐</td> </tr> <tr> <th colspan="2">Feminino</th> </tr> <tr> <td>I</td> <td>●</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>◐</td> </tr> </tbody> </table>	Masculino		I	●	●	◐	Feminino		I	●	●	◐	<table border="1"> <thead> <tr> <th colspan="2">Masculino</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>I</td> <td>◐</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>●</td> </tr> <tr> <th colspan="2">Feminino</th> </tr> <tr> <td>I</td> <td>●</td> </tr> <tr> <td>●</td> <td>◐</td> </tr> </tbody> </table>	Masculino		I	◐	●	●	Feminino		I	●	●	◐
Masculino																									
I	●																								
●	◐																								
Feminino																									
I	●																								
●	◐																								
Masculino																									
I	◐																								
●	●																								
Feminino																									
I	●																								
●	◐																								
<p>Legenda:</p> <p>Libras: ●</p> <p>Português: ○</p> <p>Equivalência entre Libras e português: ◐</p> <p>Mais Libras do que português: ◑</p> <p>Mais português do que Libras: ◒</p> <p>Ausência de informantes ou não se aplica: I</p>																									

**Figura 7** – Questão 6 parte B – Línguas usadas pelo informante com as pessoas/famíliares do lar e a predominância frente a possíveis alternâncias

**Fonte:** Miranda (2023, p. 104)

O fato da maioria dos informantes afirmarem que usam a Libras, pode parecer uma resposta lógica devido a maioria também residir com outra(s) pessoa(s) surda(s). No entanto, ao relacionar os quadros acima, verificamos que não necessariamente aqueles que usam apenas Libras morem somente com surdo(s), do mesmo modo que informantes que moram com surdos não necessariamente usam Libras o tempo todo, como vemos nos relatos a seguir. O informante CaGI-SMO-M disse que, apesar de usar Libras na maior parte do tempo, também fala em português e Libras de forma simultânea com o amigo, residente na mesma casa.

CaGI-SMO-M: Falamos as duas línguas. Ele fala pouco e eu oralizo mais. Ele prefere a oralização e a sinalização junto para conseguir ler os lábios, para, por exemplo, quando houver uma palavra que ele não conhece em português, com a Libras junto ele compreende. [...] É sempre assim: oralização com língua de sinais, já se tornou um costume oralizar e sinalizar ao mesmo tempo<sup>11</sup> (Miranda, 2023, p. 105).

A informante CbGI-CON-F disse usar também o português, ainda que com menor frequência do que a Libras.

<sup>11</sup> Link de acesso ao vídeo em Libras: [https://drive.google.com/file/d/1mgQGFvueO1H1VandEXseiFJayP-zgJydF/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1mgQGFvueO1H1VandEXseiFJayP-zgJydF/view?usp=share_link)



CbGI-CON-F: Meu marido e eu moramos juntos aqui há algum tempo. Ele tem surdez parcial e oraliza bem [...]. Às vezes quando ele oraliza eu entendo, às vezes ele não entende a Libras; antes ele não sabia Libras e oralizava mais. Eu entendo e vamos interagindo assim: ele me ajuda a oralizar e eu o ajudo a sinalizar. Assim vamos compartilhando, de modo que agora conseguimos dialogar. [...] Falamos mais em Libras, mas depende da compreensão; se fica difícil, às vezes escrevemos [...], às vezes conversamos por mensagem de texto no celular [...]. Por videochamada é melhor, conversamos assim também. [...] Usamos menos o português e mais Libras<sup>12</sup> (Miranda, 2023, p. 105).

Outro fator, inclusive, registrado por anotações em nosso caderno de campo, é que especialmente os surdos da GII, considerando o não reconhecimento da surdez como uma característica individual, assim como a cor dos olhos, por exemplo, foram “forçados” a oralizar o português para se conquistar o seu espaço na sociedade, como, possivelmente, resquício do oralismo como filosofia e metodologia educacional, que teve ênfase no Brasil até os anos 1990 (Fernandes, 2011). Essa realidade é constatada pela própria pesquisa, como vemos abaixo, por exemplo, no relato do informante CbGII-CCO-M - em complementação à resposta para uma das questões<sup>13</sup> - que hoje se comunica apenas por Libras no lar, mas em um período de sua vida escolar, enquanto estudante de uma escola de surdos, não teve liberdade em usar a Libras.

CbGII-CCO-M: Se falássemos em Libras a professora batia em nossas mãos com a régua. Como eu iria oralizar se eu não sabia fazê-lo? [...] Fazíamos diversos exercícios fonoaudiológicos em sequência [...] Dentro da sala de aula era só oralismo, mas fora de lá conversávamos apenas em língua de sinais. [...] Os mesmos alunos que conversavam em Libras fora da sala, dentro da sala eram obrigados a conversar oralmente [...] (Miranda, 2023, p. 83).

Outra questão que precisamos salientar é que, uma vez que já temos comprovação da variação interna da Libras, assim como qualquer outra língua<sup>14</sup>, a Libras usada no ponto Região Oeste não é necessariamente a mesma que os moradores do ponto Chapecó fazem uso.

---

<sup>12</sup> Link de acesso ao vídeo em Libras: [https://drive.google.com/file/d/1zqOyL6SVpZzyv8AAPxI8E1eWGB-vbcldy/view?usp=share\\_link](https://drive.google.com/file/d/1zqOyL6SVpZzyv8AAPxI8E1eWGB-vbcldy/view?usp=share_link)

<sup>13</sup> *Questão 7 – Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, você estudou em que tipo de escola?* (Miranda, 2023, p. 81)

<sup>14</sup> Por exemplo, como pode ser visto em Krug e Horst (no prelo).

Na questão “17) *Que língua (s) costuma falar com pessoas de fora do círculo familiar? (Vizinhos, amigos, colegas de trabalho/chefe, colegas de aula/professor, clientes/pacientes/liderados, comércio/serviços, atendimentos médicos, outros)*” selecionamos 3 situações de contato para apresentar, que foram as que os treze (13) informantes aplicaram: “vizinhos”, “amigos” e “comércio/serviços”. O português é a língua mais usada para se comunicar em comércio/serviços/atendimentos, Em se tratando da função em que a língua é usada, observamos situações mais e menos formais, como o contato com órgãos públicos em comparação com o contato entre amigos, em concordância com o que Grosjean (2008) destaca, ao se referir às línguas em uso seus mais diferentes domínios na sociedade. Nenhum informante disse usar apenas o português, um contraste que reafirma a transição que a pessoa surda realiza entre as línguas e culturas por meio de suas relações diárias.

Em relação ao autorreconhecimento bilíngue, na questão “13) *Você se considera uma pessoa bilíngue?*”, constatamos que todos os informantes afirmaram se considerar bilíngues, conforme a Figura 8, abaixo.

Chapecó - SC		Região Oeste - SC	
<b>Masculino</b>		<b>Masculino</b>	
I	●	I	●
●	●	●	●
<b>Feminino</b>		<b>Feminino</b>	
I	●	●	●
●	●	●	●
Legenda: Sim: ●   Não: ○   Ausência de informante: I			

**Figura 8 – Questão 13 – Você se considera uma pessoa bilíngue?**

Fonte: Miranda (2023, p. 120)

As respostas da Figura 7, nos surpreendem positivamente, pois não é o que registramos no estudo de descrição de bilinguismo entre línguas orais, como por exemplo, no contato espanhol-português (venezuelanos) e talian-português (italo-brasileiros)<sup>15</sup> e também com *Deutsch/Deutsch*-português<sup>16</sup> e talian-português<sup>17</sup>, igualmente no oeste de Santa Catarina. Nos estudos acima, um grupo de informantes afirma não ser bilíngue, por exemplo, por não dominar as quatro habilidades (ler, escrever, falar, entender) mais difundidas em relação à proficiência linguística.

<sup>15</sup> Zamaro (2021)

<sup>16</sup> Kaufmann, Horst e Krug (2022)

<sup>17</sup> Fornara (2019)

As questões 19 e 21 apresentam algumas habilidades em Libras e português, baseadas nos estudos de Grosjean (2008), que identifica as línguas, habilidades e modalidades envolvidas no bilinguismo do indivíduo surdo. Na questão “19) *Selecione as opções que melhor definem sua relação com a Libras*”, em que haviam quatro alternativas (*a - Produz/Sinaliza; b- Compreende a sinalização; c - Escreve em escrita de sinais e d - Lê escrita de sinais*), verificamos que a habilidade descrita na opção “c”, “Escreve em escrita de sinais”, foi mais evidente no ponto Chapecó do que no ponto Região Oeste. Todos afirmaram produzir/sinalizar e compreender a sinalização; mas quando se trata de escrever e ler em escrita de sinais, vimos que, dos treze (13), apenas 3 disseram saber escrever em escrita de sinais e 7 disseram ler, ou seja, uma maioria lê escrita de sinais e uma minoria escreve.

Os resultados da questão “21) *Selecione as opções que melhor definem sua relação com a língua portuguesa*” tinha as opções: *a - Produz/Fala; b - Compreende por meio da leitura labial; c - Compreende por meio da audição (resquício auditivo); d - Escreve; e - Lê; f - Usa datilologia (produz e compreende)*, apresentaram que a maioria dos informantes afirmaram produzir/falar e compreender o português por meio da leitura labial em algum nível e frequência; vimos que uma minoria compreende por meio da audição dado a algum resquício auditivo, apenas dois informantes. A maioria afirmou escrever, ler e usar a datilologia.

Assim, podemos, com a seleção de informantes que fizemos para a nossa pesquisa e com as respostas descritas e analisadas, inferir que existe uma relação de maior autorreconhecimento bilíngue por parte dos informantes surdos, se comparado aos ouvintes, considerando estudos já realizados (Zamaro, 2021; Kaufmann; Horst; Krug, 2022; Fornara, 2019) e uma hipótese para isso é que assim como há línguas oralizadas mais prestigiadas (no caso do português para os ouvintes brasileiros de maneira em geral), para os surdos, também brasileiros, há também, uma língua sinalizada que tem um reconhecimento e prestígio maior, que é a Libras.

Em se tratando das funções de uso das línguas, nos centros maiores, em ambientes públicos, até é possível, pela lei de acessibilidade, que além do português oral, a Libras possa ser usada. No entanto, em cidades menores, também pelo número, essa ainda é uma necessidade a ser suprida, o que faz com que uma grande parcela de surdos necessite se comunicar em português escrito ou até oral nos domínios mais públicos e formais.

## Considerações Finais

Destacamos a importância das escolhas metodológicas com base nas particularidades da comunidade de pesquisa selecionada. Em se tratando da Dialetoologia Pluridimensional, que majoritariamente é adotada para descrever línguas orais em contato, foi necessário, pensar na modalidade visuo-espacial, que requer estratégias como: gravação da coleta de dados em vídeo, pesquisador proficiente na língua de sinais em estudo ou a seleção de algum intérprete que possa acompanhar na pesquisa de campo, além de pensar em um programa específico para transcrever gravações de vídeo, como o aplicativo ELAN, por exemplo.

Estas estratégias metodológicas oportunizaram a captura de imagens e o acesso a recortes de vídeos selecionados através dos *links* na hora da descrição, análise e interpretação dos dados. Assim, o leitor surdo terá acesso ao dado original da pesquisa, um ato inclusivo que certamente atinge ouvintes interessados ou conhecedores de línguas de sinais, no nosso caso, pelo que tudo indica, da Libras, com possíveis variações regionais.

Ademais, os dados em vídeo poderão ficar disponibilizados para outros pesquisadores descreverem, por exemplo, uma variação lexical, morfológica ou até semântica. Outro aspecto positivo da gravação em vídeo é facilitar a descrição dos dados por parte do pesquisador e inquiridor, que dificilmente realiza anotações durante a coleta de dados, mesmo que a equipe de trabalho tenha pesquisadores proficientes em Libras, considerando a modalidade visuo-espacial da língua de sinais que apresenta muitos detalhes visuais.

A partir da apresentação dos resultados e análises, podemos concluir, em cada um dos objetivos que,

Ao verificarmos pela *dimensão diasssexual*, as funções de uso das línguas entre os homens e as mulheres, não registramos diferenças e referindo-se ao autorreconhecimento bilíngue, verificamos que as mulheres afirmaram falar mais em português oral do que os homens, e afirmam compreender melhor quando alguém fala em português do que os homens. Todos afirmaram se considerar bilíngues.

Na *dimensão diageracional*, a respeito das funções de uso das línguas, os resultados mostraram que a GII, em diversas situações, recorre aos gestos e também à Libras, enquanto que a GI ao português ou ao português e Libras de forma equilibrada e que o uso somente da Libras é relatado pela minoria. A respeito do autorreconhecimento bilíngue, observamos que a GI demonstra uma impressão positiva ao seu próprio bilinguismo, ao que se refere à produção em português, uso da datilografia e escrita e leitura da escrita de sinais; todavia, tanto a GI quanto a GII afirmam se considerar bilíngues, e a GII demonstra entender o português sob mais circunstâncias

que a GI. Isso pode ser devido à necessidade que essa geração vivenciou de entender o português para se adequar à sociedade e às barreiras comunicacionais enfrentadas.

Com relação à *dimensão diastrática*, nas funções de uso das línguas, a Ca usa mais a Libras no lar do que a Cb. Com pessoas de outros contextos de contato, fora da família, como vizinhos, amigos e comércio/serviços/atendimentos em geral, temos muito mais uso do português do que da Libras, tanto pela Ca quanto pela Cb. O que diferencia os grupos é no contexto “amigos”, em que a Ca usa tanto o português quanto a Libras e a Cb apresenta também o uso de gestos nesse contexto. A Cb também se destaca no uso de gestos para comércio/serviços/atendimentos em geral. Os surdos da Ca têm uma maior gama de possibilidades de usos das duas línguas do que os surdos da Cb, e apresentam algumas funções iguais e outras diferentes, devido ao maior acesso que a Ca tem a informações e discussões, considerando a escolaridade. Pelo mesmo motivo, quanto ao autorreconhecimento bilíngue, a autoavaliação demonstrou que a Ca tem mais habilidades em Libras e português do que a Cb.

Referente à *dimensão diatópica*, quanto ao autorreconhecimento bilíngue, a diferença está na escrita e leitura da escrita de sinais. Chapecó tem mais predominância na escrita, enquanto a Região Oeste na leitura. O ponto Região Oeste demonstra mais habilidades em português do que o ponto Chapecó. Isso pode ser pela necessidade de comunicação, em que o surdo bilíngue precisa se adaptar à maioria ouvinte e se apropria do “princípio da complementaridade”, proposto por Grosjean (2008), em que os bilíngues usam suas línguas com diferentes propósitos, em diferentes domínios e com diferentes pessoas; nesse caso, o português; sendo assim, podemos afirmar que a hipótese foi confirmada. Acerca das funções de uso das línguas, de acordo com os resultados, o número de pessoas que usa mais Libras na família é o mesmo nos dois pontos pesquisados, assim como o uso das línguas nos contextos fora da família, apenas com uma pequena diferença, de que o ponto Região Oeste demonstra mais uso de português e gestos com os vizinhos do que Chapecó.

Concluimos, portanto, que a situação linguística no Oeste Catarinense, tendo em vista o bilinguismo Libras-português de indivíduos surdos não pode ser definida apenas sob uma perspectiva, mas que ela está atrelada a diversos fatores, como aos fatores históricos, às funções de uso das línguas e ao autorreconhecimento bilíngue, e como eles discorrem na vida e nas relações desses indivíduos. Sendo assim, confirmamos a realidade do bilinguismo individual (Mackey, 1972) de surdos considerando duas línguas de modalidades diferentes.

Essa pesquisa corrobora com a afirmação de que o estudo entre os bilíngues não apenas considera as quatro grandes habilidades, os níveis linguísticos, o conceito de que o indivíduo para ser bilíngue deve adquirir a segunda língua na primeira infância e/ou ter controle nativo das duas línguas, mas sim, leva em conta os domínios de uso, funções e seu repertório linguístico total.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para os estudos linguísticos das línguas de sinais, no sentido acadêmico, educacional ou identitário (individual, familiar e social) para estudos do bi/plurilinguismo, da diversidade linguística e da Dialetoologia Pluridimensional, e com isso promover a valorização da realidade bi/plurilíngue das pessoas surdas, auxiliando em seu processo de consciência linguística e seu reconhecimento identitário junto à comunidade surda, à comunidade escolar e sociedade em geral. Para a comunidade em geral, esperamos contribuir para a compreensão sobre a realidade do bilinguismo Libras-português das pessoas surdas, assim como difundir, valorizar e registrar dados das línguas de sinais e da comunidade surda.

A escolha de desenvolver esse trabalho pautado na metodologia da Dialetoologia Pluridimensional, adaptando sua aplicação às especificidades da língua investigada e dos informantes entrevistados, foi fundamental para melhor assertividade nos resultados, comprovando a possibilidade de desenvolver estudos voltados à língua de sinais e informantes surdos a partir dessas escolhas metodológicas. Acreditamos e avaliamos essa pesquisa e a metodologia aplicada como de grande relevância para novos estudos a serem realizados e verificamos a importância de aprofundar mais cada uma das categorias investigadas.

## Referências

ALTENHOFEN, C. V. Bases para uma política linguística das línguas minoritárias no Brasil. In: NICOLAIDES, C. et al. (org.). *Política e políticas linguísticas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 93-116.

ALTENHOFEN, C. V.; THUN, H. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil Bacia da Prata. In: AGUILERA, V. A.; ROMANO, V. P. (org.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2016. p. 371-392.

ARAÚJO, P. J. P.; OLIVEIRA, A. F. Línguas de Sinais emergentes no Brasil: o caso da língua de sinais Macuxi. *Revista de Letras Norte@Mentos*, [S.L.], v. 14, n. 37, p. 224-240, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/rln.v14i37.7756>. Acesso em: 20 maio 2024.

BAKER, C. *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. 4. ed. Bristol: Multilingual Matters, 2006.

BARBOSA, M. A. *A inclusão do surdo no ensino regular: a legislação*. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2007.

BRASIL. *Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002*. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2002. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm). Acesso em: 27 maio 2024.

BRASIL. *Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015*. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2015. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm). Acesso em: 09 jun. 2022.

BRASIL. *Lei nº 14.191, de 03 de agosto de 2021*. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2021. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.191-de-3-de-agosto-de-2021-336083749>. Acesso em: 16 maio 2022.

BRASIL. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005*. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-publicacaooriginal-39399-pe.html>. Acesso em: 20 set. 2024.

DIZEU, L. C. T. B. Procedimentos metodológicos para uma investigação sociolinguística com a língua brasileira de sinais. In: FREITAG, R. M. Ko. (org.). *Metodologia de coleta e manipulação de dados em sociolinguística*. São Paulo: Edgard Blücher Ltda, 2014. p. 61-70.

FERREIRA-BRITO, L. Similarities and differences in two Brazilian sign languages. *Sign Language Studies*, v. 42, p. 45-56, 1984.

FORNARA, A. E. *Aspectos do bilinguismo Deutsch-português em Saudades-SC e talian-português em Nova Erechim-SC*. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Estudos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2019. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3253>. Acesso em: 19 set. 2024.

GOMES, J. C.; VILHALVA, S. *As línguas de sinais indígenas em contextos interculturais*. Coleção Registros de estudos e pesquisas das línguas de sinais indígenas no Brasil, v. II. Curitiba: Editora CRV, 2021.

GROSJEAN, F. *The bilingual individual*. Interpreting: International Journal Of Research And Practice Interpreting, [S.L.], v. 2, n. 1-2, p. 163-187, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.1075/intp.2.1-2.07gro>. Acesso em: 19 set. 2024.

GROSJEAN, F. *Studying Bilinguals*. New York: Oxford University Press, 2008.

HARMERS, J.; BLANC, M. *Bilinguality and Bilingualism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

HORST, C.; KRUG, M. A relevância de fatores extralinguísticos na manutenção e substituição linguística nos diferentes domínios de uso das línguas a partir de dados do projeto ALCF. In: STEFFEN, J. et al. (org.). *Sprachkontakt, Variation und Mehrsprachigkeit. Festschrift für Cléo Vilson Altenhofen*. Suíça: Peter Lang. (no prelo)

HORST, C. A situação da alfabetização dos falantes de línguas de imigração no contexto brasileiro. *Revista Contingentia*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 73-84, nov. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/contingentia/article/view/11417/6762>. Acesso em: 27 maio 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo demográfico 2022: Indígenas primeiros resultados do universo*. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv102018.pdf>. Acesso em: 27 maio 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Demográfico 2010: Estatística de gênero*. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/snig/v1/index.html?loc=0,0R,0U,4,4R,4U&cat=-1,-2,-3,128&ind=4648>. Acesso em: 19 set. 2024.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Estimativas da população residente no Brasil e unidades da federação com data de referência em 1º de julho de 2024*. Disponível em: [https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas\\_de\\_Populacao/Estimativas\\_2024/estimativa\\_dou\\_2024.pdf](https://ftp.ibge.gov.br/Estimativas_de_Populacao/Estimativas_2024/estimativa_dou_2024.pdf). Acesso em: 19 set. 2024.

KAUFMANN, A.; HORST, C.; KRUG, M. J. Manutenção do Deutsch e Deutsch na mesorregião do oeste catarinense. In: FRANZEN, D. O. *PORTO FELIZ - MONDAÍ: O centenário da colonização (1922 - 2022)*. Itapiranga: Editora Schreiben, 2022. p. 61-82.

KRUG, M. J. *Atlas das Línguas em Contato na Fronteira: Missões no Brasil e Misiones na Argentina (ALCF)*. Porto Alegre: FAPERGS; Chapecó: UFFS, 2013.

MIRANDA, N. F. S. *Situação linguística do Oeste Catarinense: bilinguismo Libras-português de indivíduos surdos*. 2023. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/6596>. Acesso em: 10 jul. 2024.

MACKEY, W. F. The description of bilingualism. In: FISHMAN, J. A. [ed.]. *Reading in the sociology of language*. 3. ed. The Hague: Mouton, 1972. p. 554-584.

OLIVEIRA, G. M. Brasileiro fala português: monolingüismo e preconceito linguístico. In: SILVA, F. L.; MOURA, H. M. M. (org.). *O direito à fala: A questão do preconceito lingüístico*. Florianópolis: Insular, 2000. p. 83-92.

RAMBO, A. B. (Trad.) *Cem anos de germanidade no Rio Grande do Sul -1824-1924*. São Leopoldo: UNISINOS, 1999.

ROMAINE, S. *Bilingualism*. 2. ed. Oxford: Basil Blackwell, 1995.

SILVA, C. A. A. *Cultura surda: agentes religiosos e a construção de uma identidade*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

SILVA, D. S.; QUADROS, R. M. Línguas de sinais de comunidades isoladas encontradas no Brasil. *Brazilian Journal Of Development*, Curitiba, v. 5, n. 10, p. 22111-22127, out. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.34117/bjdv5n10-342>. Acesso em: 10 jul. 2024.

SILVA, G. M. QUESTIONÁRIO LINGUÍSTICO PARA SURDOS BILÍNGUES (QLSB): uma proposta para a avaliação de perfis de bilíngues do par libras-português. *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, v. 12, n. 23, p. 68-87, 2018.

THUN, H. A dialetologia pluridimensional no Rio da Prata. In: ZILLES, A. M. (org.). *Estudos de variação linguística no Brasil e no Cone Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

THUN, H. A geolinguística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: AGUILERA, V. A. (org.). *Para uma história do português brasileiro*, volume III: vozes, veredas, voragens. Londrina: EDUEL, 2009. Tomo II, p. 531-558.

THUN, H. La geolingüística variacional general (con ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: RUFFINO, G. *Atti del XXI Congresso Internazionale di*



*Linguistica e Filologia Romanza: Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*, Berlin, v. 5, 1998. p. 701-729.

THUN, H. *O velho e o novo na geolinguística*. Porto Alegre: Cadernos de Tradução, n. 40, jan/jun. 2017. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/viewFile/87208/50004>. Acesso em: 10 jul. 2024.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R. *et al. Língua Brasileira de Sinais: patrimônio linguístico brasileiro*. Florianópolis: Editora Garapuvu, 2018.

ZAMARO, L. C. *A situação linguística dos ítalo-brasileiros e imigrantes haitianos na cidade de Chapecó-SC*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Curso de Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2021. Disponível em: <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/3927>. Acesso em: 19 set. 2024.